

ANDRÉIA SANTANA*

Pouco depois de se formar em Direito pela Universidade Federal da Bahia (Ufba), aos 22 anos, em 1948, Milton Santos entrou para a equipe de A TARDE como correspondente na zona cacauífera do Estado. Dez anos depois, ao concluir o doutorado em Geografia pela Université de Strasbourg, na França, já ocupava há quatro anos o cargo de redator principal do jornal. Nascido em Brotas de Macaúbas, na Chapada Diamantina, em 3 de maio de 1926, o homem que revolucionou a geografia faria 100 anos neste domingo.

Milton Santos é o único intelectual brasileiro a receber o Prêmio Vautrin Lud, que equivale ao Nobel de Geografia. O feito ocorreu em 1994, trinta depois do tempo em que escreveu para A TARDE, de 1949 até 1964.

Em paralelo à atividade como jornalista, desenvolveu a carreira acadêmica e de pesquisador. Também dava aulas de geografia humana na Universidade Católica de Salvador (Ucsal) e era professor catedrático da mesma disciplina na Ufba, onde criou o Laboratório de Geociências. Nesse intervalo de 15 anos, também dirigiu a Imprensa Oficial da Bahia e presidiu a Fundação Comissão de Planejamento Econômico do Estado.

O perfil multitarefa do intelectual baiano tem explicação no seu espírito crítico e inquieto, como afirma a professora Maria Encarnação Beltrão Sposito, em artigo publicado no final de abril, no Jornal na Unesp (Universidade Estadual Paulista), em homenagem ao centenário de nascimento de Milton Santos.

Jornalista de opinião

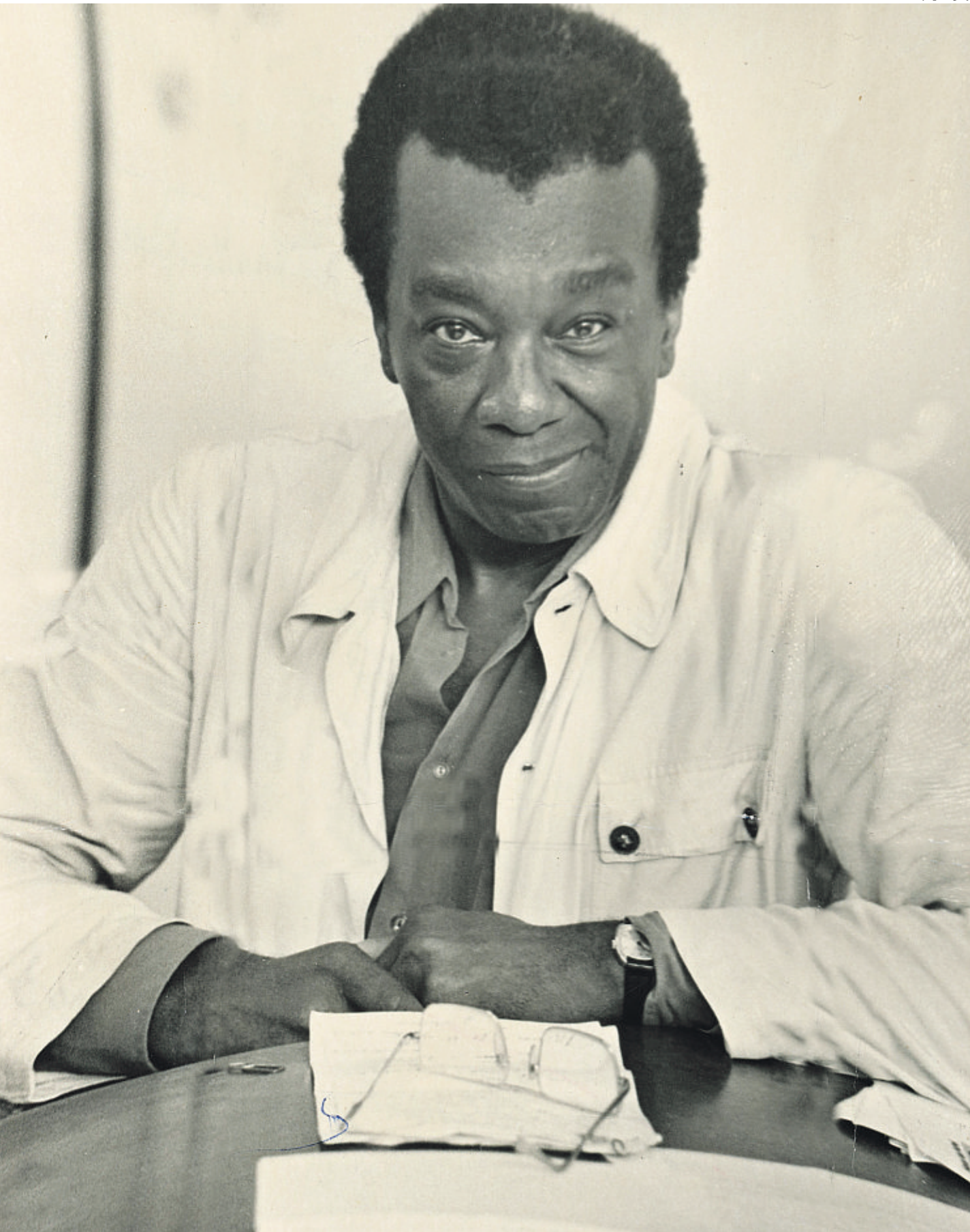
“Esse geógrafo tinha, ao mesmo tempo, grande capacidade de absorver o novo e de pensar o futuro. Seu espírito crítico, vez ou outra irônico, o levaria a leituras severas sobre o presentismo que nos cerca”, escreve a professora.

No artigo em homenagem ao geógrafo, Maria Encarnação especula como Milton Santos, morto em 2001, lidaria com os tempos pós-modernos: “Faz todo sentido conjecturar como agiria Milton Santos, com sua vitalidade intelectual e capacidade de observação, se estivesse hoje entre nós. Escreveria posts nas redes sociais comunicando suas ideias mais recentes? Alcançaria milhares ou milhões de seguidores no Instagram? Difundiria suas obras em podcasts?”. De uma coisa a professora não tem dúvida, ele seria severamente crítico às Inteligências Artificiais e à subserviência humana a essa ferramenta.

A verve crítica de Milton Santos e sua capacidade de analisar a realidade pensando sempre além do óbvio, é

CENTENÁRIO

Nascido há 100 anos, intelectual baiano é único brasileiro a ganhar Prêmio Vautrin Lud, o ‘Nobel de Geografia’



Cedoc A TARDE / 4.6.1987

Nascido em Brotas de Macaúbas, na Chapada Diamantina, Milton Santos completaria 100 anos neste domingo

perceptível na vasta coleção de seus textos, preservados nas edições históricas de A TARDE sob a guarda do Centro de Documentação e Memória (Cedoc) do jornal. Parte desse material também foi reunido no livro “Milton Santos: Correspondente do Jornal A Tarde 1950 – 1960”, publicado em 2019, pela Labeur – IIG.

As reportagens e artigos

de Milton para o jornal abordam desde as condições climáticas da Bahia até literatura, passando pelas notícias da zona cacauífera, policultura, desenvolvimento urbano e social, matriz energética e economia. Chama a atenção os artigos sobre a geografia enquanto ciência social, já estabelecendo as bases para a disciplina como ela é vista na atualidade.

Sobre isso, o também jornalista, professor e historiador Cid Teixeira afirmaria sobre Milton Santos, em entrevista concedida ao A TARDE em 10 de julho de 2002: “Milton Santos é o divisor do pensamento geográfico. A geografia, antes dele, era apenas descritiva. Passou a ser interpretativa com Milton. A geografia, hoje, não se limita ao quê, mas ao por

quê. É uma geografia que participa das coisas”.

Nos anos 1990, quando já não era redator, correspondente ou articulista do jornal, Milton Santos apareceria muitas vezes nas páginas de A TARDE como palestrante em seminários sobre urbanismo e desenvolvimento social e como fonte para comentar o então recente fenômeno da globalização. “A

cultura oficial brasileira, a dos homens oficialmente cultos do Brasil, nutriu-se, freqüentemente, de uma visão vesga do mundo. A globalização agrava essa vesguice”, afirmou.

Sobre a desarticulação dos blocos econômicos, especificamente, suas palavras são quase proféticas e ele parece ter previsto crises como a que levou ao Brexit a saída da Grã-Bretanha da União Europeia em 2020. “Experiências econômicas como Mercosul, Nafta e até a Comunidade Europeia simplesmente não darão certo. Estamos numa época de valorização da diversidade, nosso horizonte e nosso repertório é muito vasto. Qualquer tentativa de reduzir e normatizar esse horizonte está fadada ao fracasso”, analisou, no final da década de 1990.

Acadêmico de prestígio

Em 1964, após se exilar do Brasil por conta do golpe que levaria à ditadura militar – ele passou 13 anos fora do país – Milton Santos iniciaria a carreira acadêmica internacional que, três décadas depois, culminaria no Prêmio Vautrin Lud, em outras premiações e medalhas e em pelo menos 12 títulos de Doutor Honoris Causa por universidades brasileiras e estrangeiras. Ele, porém, não se iludia e costumava afirmar: “O fato de eu ser negro e a exclusão correspondente acabam por me conduzir a uma condição de permanente vigília”.

Milton Santos, filho de dois professores primários – Adalgisa Umbelina de Almeida Santos e Francisco Irineu dos Santos – ambos formados pelo Instituto Central de Educação Isaias Alves (Iceia), onde ele mesmo estudou na adolescência, na sua temporada no exterior deu aulas em universidades de três continentes. Na Europa, lecionou na França e Itália; na África, ensinou na Tanzânia; e, nas Américas do Norte e do Sul, foi professor nos EUA, Canadá, Peru e Venezuela.

O currículo do intelectual, atualizado em junho de 2001, no mesmo mês em que ele morreu, aos 75 anos, no feriado de São João, tem 87 páginas. Todas as formações, atividades públicas, reconhecimentos em títulos e premiações podem ser consultados na internet, no site miltonsantos.com.br. É impressionante, mas digno de um pensador que formulou ao menos dois sistemas teóricos completos, a Teoria dos dois circuitos da economia urbana e a Natureza do espaço. O currículo traz ainda a vasta bibliografia do intelectual, composta por 50 livros, além da participação em pelo menos mais 58 coletâneas.

* COM A COLABORAÇÃO DE RUBEM COELHO E VALDIR FERREIRA NA PESQUISA EM ACERVO

O Centenário do geógrafo Milton Santos

Efson Lima

Doutor em Direito. Membro das Academias de Letras de Ilhéus e da Grapiúna de Artes e Letras (Agral)

efsonlima@gmail.com

A Bahia recebeu como presente o nascimento de Milton Almeida dos Santos em 03 de maio de 1926, em Brotas de Macaúbas. Aquela criança cresceu e se tornou uma das maiores referências da Geografia e do campo das humanidades no mundo. Imortalizou-se com uma vasta produção acadêmica, rompendo preconceitos e se notabilizando como um dos

pensadores brasileiros de maior relevo no exterior. Milton Santos se tornou um “diplomata” e difundiu o quê é que a Bahia tem: conhecimento.

A efemeridade do centenário de nascimento de Milton Santos desperta reflexões em torno das contribuições dele para a Geografia e demais campos do conhecimento. Sendo assim, a Academia de Letras de Ilhéus, cuja instituição Milton Santos colaborou para a fundação em 1959 e se imortalizou na cadeira de n.º 35, hoje, ocupada pela jornalista Maria Schaun, promove no dia 05 de maio uma sessão em homenagem a um de

A efemeridade do centenário de nascimento de Milton Santos desperta reflexões em torno das contribuições dele para a Geografia e demais campos do conhecimento

seus fundadores e discorrerá sobre a passagem de Milton Santos no sul da Bahia. Em Ilhéus, foi professor do Instituto Municipal de Ensino e estudou sobre as fazendas e a lavoura de cacau, inclusive, publicando estudos sobre o tema. Esteve correspondente do jornal A Tarde, na zona cacauífera, entre 1949 - 1953.

Diversas homenagens e estudos estão a ocorrer sobre o premiado Milton Santos. Os membros da Academia de Letras da Bahia (ALB) aprovaram após a presidência, liderada pelo escritor Aleilton Fonseca, requerer aos pares do sodalício a posse simbólica de Milton Santos como

membro correspondente. O homenageado fora eleito em 26/11/1998, entretanto, não tomou posse, faleceu em 24 de junho de 2001. A ALB promoverá, em 07/05/26, reunião dedicada a celebrar o centenário de Milton Santos. Outra distinção de alto relevo é a inscrição de Milton Santos no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, por meio de projeto de lei, em tramitação no Congresso Nacional. Extrai-se da proposta o objetivo de reconhecer o legado de Milton Santos e as suas contribuições como “geógrafo negro e intelectual focado no Brasil e na globalização”. O professor foi o primeiro latino-americano a

receber o prêmio Vautrin Lud (1994), o “Nobel da Geografia”.

O professor Milton Santos foi perseguido na ditadura militar, precisou se exilar e, para sobreviver, lecionou em universidades da Europa, da África e das Américas. Ele foi reconhecido com dezenove títulos de Doutor Honoris Causa e eleito “O Brasileiro do Século” em 1999, na categoria Educação, Ciência e Tecnologia, pela revista IstoÉ. Recebeu ainda o Prêmio Jabuti (1997) na categoria “Ciências Humanas” e o Prêmio Unesco de Ciência. Sua obra ultrapassa os muros das universidades, permanece vigente e necessária.